

Notas sobre o cristianismo de Adília Lopes

Sofia de Sousa Silva

No prefácio de seu livro *A mulher-a-dias*, de 2002, Adília Lopes afirma: “Meus textos são políticos, de intervenção, cerzidos com a minha vida.”¹ Numa entrevista anterior, declarara: “Para mim, o ético e o estético são a cara e a coroa, as duas faces, de uma mesma moeda.”² As duas declarações de Adília reivindicam um sentido político para a sua obra, sentido esse que parece-nos vir-se acentuando nos livros mais recentes, publicados após a reunião da *Obra* em 2000.

Antes de mais, as afirmações impressionam pela coragem. Não pode passar despercebido o fato de que cerzir o texto com a vida é praticamente o contrário do que dita a cartilha da poesia moderna, de que fazem parte princípios como impessoalidade, despersonalização, contenção.

A expressão “de intervenção” também é digna de exame. A associação mais imediata é com a literatura de fundo humanista feita nas décadas de 1930 e 1940, no âmbito da resistência aos regimes fascistas. Ao mesmo tempo, chamar um poema de “texto de intervenção” não pode parecer mais distante da posição modernista, defensora do poema feito *per se*. Torna-se necessário examinar o sentido do que diz Adília ao classificar seus textos como “políticos, de intervenção”, no início do século XXI. Pois se a afirmação feita no prefácio de *A mulher-a-dias* pode sugerir uma aproximação com o neo-realismo, a leitura dos poemas nos afasta por completo disso. Para começar, porque não se encontra na obra de Adília uma visão consistente de história com um futuro certo a almejar. O seu universo é mais difícil de definir. Nele, tudo se mistura. E são incorporadas desde as referências mais eruditas ao mais humilde cotidiano. São personagens adilianos o mau poeta, o vendedor de Bíblias, as solteironas, as testemunhas-de-jeová, Marianna Alcoforado, Diderot, Mário Cesariny, Ricardo Reis e muitos outros.

No entanto, cotejando os poemas e as declarações, surge a suspeita de que há algo com os contornos de um projeto poético que se desdobra em projeto moral a subjazer a essa poesia “de intervenção”. E apostamos que é na admiração confessa pela obra de

¹ LOPES, A. *A mulher-a-dias*. Lisboa: & etc., 2002, p. 6.

² LOPES, A. Entrevista à revista *Inimigo Rumor*, n. 10, Rio de Janeiro, 7 letras, 2001.

Sophia de Mello Breyner Andresen que se podem buscar algumas faces desse projeto adiliano. A par dos inúmeros versos de Sophia citados, parece haver uma certa atitude e um certo entendimento do papel da poesia no lugar e no tempo em que vivemos a aproximar essas duas autoras, de resto tão diferentes. Como em Sophia, pode-se afirmar que na obra de Adília a relação entre a arte e a moral é inquestionável, necessária.

É certo que, ao ler os poemas de Adília, a maior parte das vezes nos sentiremos muitos distantes do universo composto pelos substantivos *mar, praia, muro, cal, casa, jardim, limpeza, brilho, manhã, dia, noite* e pelos adjetivos *limpo, liso, branco, justo, claro* que dão volume e consistência à obra de Sophia. Pela mão de Adília, depararemos com um vocabulário variadíssimo que pode incluir *xampu Johnson's, Kleenex, papalotes, caixa de soutiens, baratas, pequeno almoço, alheiras, aeroporto, puzzle, tamanquinhas, enxovais* e entre os adjetivos, *porcalhona, cor de salmão, desfeito, infeliz, fake, humilhante*. Sophia busca o concreto, mas um mundo concreto que seria, por assim dizer, mais elevado. Adília, ao incorporar os objetos de consumo do cotidiano e as ações banais — como tomar o pequeno almoço, consultar um médico, assistir a filmes, ter um pequeno comércio, ou manter relações sexuais —, parece deslocar e ampliar um projeto de atenção ao mundo da imanência, procurando não o momento em que surge o concreto (como diz Silvina Rodrigues Lopes a respeito de Sophia³), mas o concreto singular, episódico.

Essa diferença não é apenas uma diferença estilística. Ela é reveladora de uma tomada de posição diversa da de Sophia: a busca da humildade, o diálogo com o cristianismo. Se Sophia busca o inteiro, o perfeito, Adília busca o frágil, o imperfeito, o incompleto.

O principal movimento da escrita adiliana talvez seja o que foi apontado por Rosa Maria Martelo no ensaio “Adília Lopes: ironista”⁴: duvidar das evidências, apontar a crueldade nas relações cotidianas, nas quais já quase somos incapazes de percebê-la. A sua obra é um trabalho para desmontar os discursos do que é socialmente aceitável ou não, do que é tido como desejável ou não desejável etc., atuando sobre enunciados provindos das mais diversas fontes: desde provérbios, anedotas e *slogans* publicitários até a grande literatura. Assim, discute-se o que é considerado bom ou mau em termos de literatura (como no caso do poeta de Pondichéry, cujos versos Diderot acharia “maus”,

³ LOPES, S. R. “Escutar, nomear, fazer paisagens”. In: ———. *Exercícios de aproximação*. Lisboa: Vendaval, 2003, p. 49-75.

⁴ MARTELO, R. M. “Adília Lopes: ironista”. *Scripta*, v. 8, n.15, Belo Horizonte, 2º sem. 2004, p. 106-116.

juízo que acabará por levar à loucura o mau poeta) e o que é considerado bom ou mau em termos humanos, como o mongolóide e o atrasado mental, “lixo biológico da luta pela vida”, mas também “ganhadores”, “alquimistas”⁵. É ainda o problema de saber o que é ou não é lixo. Não será um acaso o título do poema “Louvor do lixo”. O pó, o lixo, a porcaria, a entropia (para usar um termo da física caro a essa autora) são matéria desse canto.

A poesia de Adília enfatiza certos valores cristãos que Sophia apenas aponta (mais nos contos que na poesia), seu engajamento parece mais amplo e mais direto que o da autora de *Livro sexto*. Ele não se limita à política, estendendo-se a toda sorte de relações pessoais, à discussão sobre a sexualidade, sobre o que é saúde e o que é doença, o que é belo e o que é feio etc. Se em Sophia, há uma ligação com o pensamento socialista, no caso de Adília não há corrente político-partidária a que se possa vincular a sua intervenção. A sua obra não parece indicar um caminho tão certo, o horizonte não parece tão definido como em Sophia. Não há garantias, há apenas trabalho, trabalho que precisa ser sempre refeito, perguntas sempre por formular. Até a poesia é posta sob suspeita.

Adília não faz como Sophia a identificação entre a beleza e uma tarefa ética. A pergunta repetida no último livro é uma prova disso: “Haverá uma beleza que nos salve? Não.”⁶ Há qualquer coisa maior, que não necessariamente poderá ser compreendida pelo campo literário e que define a ação neste campo. A questão é estar “atenta ao sofrimento, mesmo que para isso seja preciso renunciar à arte”⁷. Mesmo o fazer poesia é objeto de hesitação e de dúvida. Adília não está certa de ser o mediador entre homens e deuses, nem mesmo está certa de que haja esta mediação.

Sem contar com uma justiça universal a balizar uma forma justa, a obra de Adília volta-se para a terra e para os homens. A partir de uma idéia de inclusão, ela se pergunta o que é a beleza e o que é a justiça. Ao lê-la, tem-se a impressão de que é preciso criar um novo conceito de poesia. Sua obra é, claro, marcada pela busca da beleza — e incorpora até alguns valores clássicos como a simetria, a proporção e a clareza —, mas de uma beleza que seja capaz de efetivamente abrigar a diferença. E assim contraria um princípio clássico — descrito por Sophia em seu ensaio sobre o nu — que estabelece

⁵ Cf. LOPES, A. *Obra*. Lisboa: Mariposa Azual, 2000, p. 209-210.

⁶ LOPES, A. *Le vitrail la nuit * A árvore cortada*. Lisboa: & etc., 2006, p. 82.

⁷ Trecho de uma entrevista de Adília Lopes, incluída em SILVA, S. S. *Reparar brechas: a relação entre as artes poéticas de Sophia de Mello Breyner Andresen e Adília Lopes e a tradição moderna*. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2007. (Tese de doutorado.)

que o artista não deve retratar “tudo quanto não encontrou ou perdeu a plenitude da sua forma”⁸. Distante do mundo dos deuses, Adília procura uma forma justa em que caibam os homens, na sua variedade e imperfeição.⁹ Temos um exemplo eloquente neste poema de *César a César*:

ANTI-NAZI

A limpeza
pode ser
pior
que a porcaria

A ordem
pode ser
a maior
desordem¹⁰

O poema é construído da maneira mais simétrica possível, os primeiros versos de cada estrofe começam por um breve sintagma composto de um mesmo artigo e dois substantivos quase sinônimos, os segundos versos são idênticos, os terceiros são superlativos e os últimos trazem os antônimos dos substantivos dos primeiros versos. Tanta ordem vem curiosamente dar um recado que poderia ser considerado “anti-ordem”. Mas o poema não pode ser lido sem o título e a limpeza e a ordem de que se fala aqui têm um significado específico. Referem-se à obsessão por ordem e limpeza que levou o nazismo a promover o extermínio de doentes mentais e a consolidar um programa de “limpeza étnica”, que livrasse a raça ariana de tudo que pudesse representar uma ameaça à sua pureza e integridade. É neste contexto que a “ordem” pode ser a maior desordem.

Adília insiste em afirmar que a lição de Sophia é para ela sobretudo formal. Na entrevista a ser publicada brevemente, declara: “Sophia é a minha mestra, o meu modelo de bem escrever português.” Logo depois de chamá-la mestra, uma restrição: modelo de bem escrever português. Poderíamos acrescentar: não de bem pensar.

No plano ético-moral, há uma divergência entre as duas autoras. Adília afasta-se de alguns dos ideais de Sophia como a beleza associada à perfeição, à completude. E se

⁸ ANDRESEN, S. M. B. *O nu na Antiguidade clássica*. 3.ed. revista. Lisboa: Caminho, 1992, p. 89.

⁹ A epígrafe de *César a César*, retirada de *Poirot e a terceira inquilina*, de Agatha Christie, diz: “A Norma não é normal!”

¹⁰ LOPES, A. *César a César*. Lisboa: & etc., 2003, p. 41.

dedica a denunciar isso na obra da autora de *Dual*. Por exemplo, no que diz respeito ao amor, encontramos nas páginas de *Sete rios entre campos* os seguintes versos:

Gosto de gostar de si
num sítio assim¹¹

Uma resposta ponto por ponto ao “Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo”¹². O poema de Sophia falava do amor em oposição a imperfeição, quebra, emudecimento, fragilidade, mentira, separação, o de Adília quer incluir o amor nessa orquestra desafinada.

Seguindo talvez uma lição dos românticos, Adília vai resgatar o pequeno, o frágil, o defeituoso, o que não teve lugar na sociedade dos bons e belos. Os seus personagens podem fazer parte da galeria de Quasímodo, do patinho feio ou de outras criações oitocentistas.

Embora a obra de Adília recrie o cristianismo, abrindo espaço, por exemplo, para o prazer individual e a paixão pela vida terrena, não previstos pelo verdadeiro cristianismo — trabalho, aliás, começado por Sophia —, ela toca valores cristãos que não podemos deixar de ver como ideais. Ao tirar de cena a beleza como possibilidade de salvação, Adília não deixa vazio o lugar do ideal. Preenche-o com a bondade.

¹¹ LOPES, A. “O mundo é uma casa de passe”. In: ———. *Obra*. Lisboa: Mariposa Azul, 2000, p. 365.

¹² ANDRESEN, S. M. B. *Coral*. Edição definitiva. Edição de Luis Manuel Gaspar. Lisboa: Caminho, 2003, p. 30. Col. Obra poética.